

“COMO QUEIRAS, AMOR, COMO TU QUEIRAS”

Isabel Cristina Rodrigues*

Em 2017, Helder Macedo publica o livro de ensaios *Camões e outros contemporâneos*, em cujas páginas escritores como Herberto Helder, D. Dinis ou Eça de Queirós não enjeitam dividir a sua luminosa contemporaneidade com Camões, ao mesmo tempo que mantêm aberta a porta da nossa contemporaneidade com eles. Na verdade, contemporâneos são aqueles autores com os quais vivemos em modo contínuo de diálogo e que nos vivem a nós, seus leitores, nesse tempo sempre fora do tempo onde desenhamos o traço conjunto da nossa interrogação. Camões é, por isso, nosso contemporâneo (tal como Sena se esforçou por demonstrar no seu ensaio literário), do mesmo modo que Sena o é hoje de cada um dos seus leitores.

Este poema de Sena, “Como queiras, amor, como tu queiras” (o último de “Post-Scriptum”, publicado pela primeira vez em *Poesia I*, 1961), expõe à luz crua da leitura a validade de um código genético capaz de atestar a contemporaneidade do seu autor com a lírica camoniana, bem como a dos leitores do século XXI com obra poética de ambos, onde cada um de nós não cessa de poder rever-se e à certeza de se fazer continuamente encontrado com uma verdade tão antiga quanto de anos tem o mundo: a da finitude do amor ou a do entendimento do amor como ficção, insânia ou contradição.

Como qualquer outra realidade (essa lição recebemo-la de Saramago, esse outro contemporâneo nosso de todos os tempos), a experiência do amor é uma realidade permeável ao exercício da ficção e que o humano vive em modo de antítese, quer dizer, de vivência interiorizada de uma contradição que é a própria razão do sentimento e que se manifesta na experiência confluyente de forças aparentemente tão opostas como o impulso de sujeição e o sentido de posse, o pavor do desconcerto e a chama violenta da alegria.

Por essa razão, o amor dos humanos vive desse andamento luminescente do temor e da esperança que tanto a poesia seniana como a de Camões codificaram em registo de oximoro – o “terror tranquilo” de Sena e o “contentamento descontente” do conhecido soneto de Camões.

Deste poema de Jorge de Sena é, assim, possível recolher a defesa intemporal de um *ethos* amoroso de ascendência camoniana, marcado pela consciência de serem finitas todas as coisas onde pomos a nossa alma e o nosso coração. Apesar disso, o Homem não deixa de viver em modo de sujeição integral a essa ideia de absoluto que ocasionalmente associamos à morada corpórea e incorpórea de um tu e que será apenas (talvez) o rosto mais visível de uma fragilidade que não pode salvar-nos. Começar a amar (em Sena como em Camões) é, pois, iniciar *ipso facto* o trajeto da perda, tomar consciência da finitude de um tempo que nunca poderá visar a medida do eterno e que, por isso mesmo, não pode ser vivido senão na desmesura de um gesto programaticamente cego à consciência do próprio fim. Afinal, a única forma de não se ver morrer o que se ama é estar já morto, até porque a morte só existe enquanto estamos vivos, depois de a termos connosco deixamos já de tê-la, como a tudo o mais. Ver morrer o que imaginar não se pode é, por isso, morrer mais violentamente do que fazê-lo por dentro de um corpo (o nosso) que um dia morrerá. Nas palavras certas de Sena, ver morrer o que em nós não pode morrer é “mais duro que morrer”, porque é morrer de uma morte a que se sobrevive.

A Jorge de Sena muito devemos todos e, por via desta nossa dívida, muito desse tudo que igualmente devemos a Camões (como Sena não deixa de assinalar no poema de *Metamorfoses* “Camões dirige-se aos seus contemporâneos”) lhe pertence igualmente a ele. A César o que é de César e a Sena o que é de Sena (com Camões pelo meio).

* Professora do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. Doutorou-se com a tese *A Palavra Submersa. Silêncio e Produção de Sentido em Vergílio Ferreira*, publicada em 2016 pela IN-CM, à qual foi atribuído o Grande Prémio de Ensaio da APE/2017. Em sua docência e investigação privilegia a

Literatura Portuguesa Contemporânea e a Teoria da Literatura. Tem integrado júris de prémios literários como os da Associação Portuguesa de Escritores, bem como o painel de Estudos Literários encarregado da avaliação de Projetos de Doutoramento e Pós-Doutoramento da FCT-Fundação para a Ciência e Tecnologia.